

A travessia

Para uma renovada gramática pastoral

JOSÉ DA SILVA LIMA*

O título deste estudo poderá suscitar ressonâncias variadas, já que «*travessia*» é uma acção, a de passar de um lugar para o outro, por terra, por mar, por ar. Pode ser também «um caminho longo e ermo», como ainda «o caminho percorrido por uma embarcação no seu deslocamento entre dois pontos da superfície da terra.»¹ É, sobretudo, a imperturbável caminhada dos homens de cada época, a braços com interrogações repetidas, quer se lamentem do tempo passado, quer dele constituam um fundo de reconhecimento e creditação. «A Igreja é como um grande navio»².

A travessia é de todas as épocas. O mar revoltado aparece em todas as biografias, sejam mais calmas e controladas, sejam mais fustigadas por ventos fortes e ameaçadoras. Convém «passar». É mesmo a urgência de ir mais longe.

«Naquele dia, ao entardecer, (Jesus) disse: ‘Passemos para a outra margem’. Afastando-se da multidão, levaram-no consigo, no barco onde estava; e havia outras embarcações com Ele. Desencadeou-se, então, um grande turbilhão de vento, e as ondas arrojavam-se contra o barco, de forma que este já estava quase cheio de água. Jesus, à popa, dormia sobre uma almofada.

Acordaram-no e disseram-lhe: ‘Mestre, não te importas que pereçamos? Ele, despertando, falou imperiosamente ao vento e disse ao mar: ‘Cala-te, acalma-te!’ O vento serenou e fez-se

* Faculdade de Teologia – Universidade Católica Portuguesa.

¹ Cf. HOUAISS, Lisboa, *Círculo de Leitores*, Tomo VI, 3572.

² S. BONIFÁCIO, carta 78, citada em *Liturgia das Horas*, III, Gráfica de Coimbra, 1983, 1369.

grande calma. Depois disse-lhes: 'Porque sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?' E sentiram um grande temor e diziam uns aos outros: 'Quem é este, a quem até o vento e o mar obedecem?'» (Mc 4, 35-41).

As ondas podem ser fortes e os medos podem ser paralisantes, mas outras vagas vão amanhecer nos pequenos passos de quem atravessa. Os números são mais contidos, mas o mar e o vento hão de obedecer à Sua fala.

1. Para o outro lado do mar

Este passo da Escritura está no centro da primeira parte do Evangelho de Marcos, quando o autor compõe os diferentes acontecimentos do ministério de Jesus na Galileia, dos finais do capítulo primeiro (1,14) aos finais do capítulo sétimo (7,23). Depois, na segunda parte, Jesus atravessa o território da Decápole. De facto, trata-se de uma travessia, em género narrativo, constituindo um dos sinais de Jesus depois do «discurso das parábolas» (Mc 4). O evangelista Marcos procede assim: entre as palavras e a acção de Jesus há reciprocidade. Palavras e acções correspondem-se, iluminam-se, embora de forma muito primária e pitoresca. O que Jesus faz e diz mistura-se, ao longo de um caminho que vai atravessando.

Do outro lado está o território da Decápole, a região helenizada das dez cidades, a oriente do rio Jordão. A narrativa curta tem a ver também com esta travessia, a da passagem da terra de origem para outra terra, onde em Marcos (7, 24 – 10,52) se joga a temática da identidade do Filho de Deus, de peripécia em peripécia, de sinal em sinal: procede-se ao desengano dos discípulos, na certeza de que «o Filho do Homem tem de sofrer muito» (8,31), «o Filho do Homem vai ser entregue» (9,31), o Filho do Homem, entregue aos gentios, será morto (cf. 10, 33-34) e «três dias depois, ressuscitará» (10,34). É este o longo alcance desta travessia.

A cena passa-se no «mar da Galileia», atravessado por tempestades devido ao cruzamento de ventos oriundos do Mediterrâneo com os que surgem do deserto. A palavra primeira é de Jesus, incisiva, imperativa. Há necessidade de atravessar; nunca se pode chegar além sem a ousadia de passar pelo interior de regiões difíceis. Ressoa a passagem antiga na memória dos judeus seus discípulos, a travessia do mar. A terra da promessa onde se chegaria, exigia a travessia em fuga, o impossível da abertura do mar, os desgostos, desenganos da aridez do deserto. Para estes homens que iam na embarcação, a travessia não era desconhecida nas suas exigências. Tinham a história mais recuada do Êxodo, da qual porventura haveria algum esquecimento. De facto, a travessia parte da palavra original «passemos». Aquilo que é ficar, parar, estacionar, deixar de caminhar, instalar-se é atitude contrária. Instalar-se significa ter chegado ao fim, por vezes de forma prematura.

Mas, o imperativo é plural. A Palavra segue junto com quem atravessa e não deve esquecer-se. Não se diz «passai», mas «passemos». A Palavra está no meio do turbilhão onde o vento e as ondas denotam perigo. É um aspeto muito próprio da identidade cristã: a Palavra não foge, nem brinca com o difícil, nem se esconde...*vai e está*. É certo que a narrativa diz que «levaram-no consigo», exactamente como no tempo do antigo Êxodo. Mas pode haver esquecimento ou alguma perturbação.

Embora dormindo, está a Palavra. Exatamente quando a travessia parece mais perigosa, é a mesma Palavra que retoma a situação e lhe devolve a serenidade, a harmonia no apaziguamento, na bonança: «Cala-te, acalma-te!». As palavras que enredam, as que confundem, as que fazem turbilhão e tempestade, amainam e dão lugar ao «temor», ao «*phobos*» como atitude fundacional de revelação. As capacidades para a travessia foram oferecidas, o que implica uma atitude permanente de reconhecimento de quem «dorme». Claro que a força primeira é de quem dorme, não a de quem se amedronta. Dormir significa ter confiança, lançar-se no outro lado, retemperar a partir de outrem. Desistir de pensar que se é o centro do mundo. É esta confiança que é devolvida a quem faz a travessia, dizendo no assombro «mas quem é este?» (Mc 4, 41). É a confiança a que se chama fé³, já que sem ela o conhecimento é muito fugaz.

A travessia é uma realidade coletiva, na confiança de alguém que dorme, na popa, encostado à almofada. Não é caso para dizer que a vida se extingue no sono, mas apenas que ela se retempera no sono. Vem a morte engolir definitivamente o centro da vida, naquela tempestade derradeira do Calvário? – Não. A morte foi engolida por Aquele que sabe estar a dormir na almofada. Se a travessia do mar é figura, a travessia da região dos mortos é o lugar da vitória final, nas tempestades de todos os tempos, na vida da Igreja que atravessa os mares mais funestos e mais inóspitos. Hoje também.

Estes foram vividos por muitas gerações, em corpo de ressuscitado, na Igreja de Cristo, sempre sob o signo da Sua presença, da Sua Palavra de primeiras horas, do primeiro dia, do Seu convite que funda qualquer travessia.

Hoje, no século XXI, a travessia de um tempo inóspito pertence às gerações atuais, sempre sem ser medrosas, e com muita fé, que para os discípulos é a fidelidade à Palavra que vem do outro lado: «se um certo cristianismo está em crise profunda, não se trata ainda do fim da fé cristã, já que atravessar a tempestade é reconstruir e reconfigurar; um mundo passa e outro

³ « Fé é conhecimento e confiança ». in *Youcat*, versão portuguesa, Paulus, Lisboa, 2011, 25.

aparece»⁴. Foi assim e há-de ser assim. Também nas gerações do presente. Há-de ser assim com o «nós» de hoje, um todo crente que atravessa uma cena de medo, de pavor. Vai-se para os lados das cidades, dormitórios dos homens de hoje.

Neste tempo, um «certo cristianismo» está em crise, o que significa que a travessia pode ser dificultosa, mas não impossível. Assim, a «transmissão» sofreu fraturas através das gerações. Um dado desta fratura é assinalado pela emergente necessidade de enquadramento e de fundação. Passou o tempo da fé «que se transmitia com o ambiente cultural». Então, existiam evidências comuns, que agora não há. Cada um recebia verdades para aceitar, mandamentos para seguir e sacramentos para receber: um regime triangular de deveres⁵. A primeira etapa de secularização transformou este quadro, desenquadrou a transmissão. Na modernidade, a sociedade transmite, «não mais a fé, mas a liberdade religiosa do cidadão»⁶. Ensina a libertar-se das cartilhas passadas.

Não bastou esta secularização. A segunda fase foi a da emergência da própria vida privada. Os indivíduos adquirem um estatuto intocável, procurando uma distanciação necessária em relação às instituições religiosas. Embora permaneçam os desejos e as aspirações espirituais, o quadro da procura é individualista, é de perplexidade e de «biscate de crenças». «Os caminhos são cada vez mais singulares num mundo complexo»⁷. E as representações da fé estiolam-se, rebentam, são caóticas e parciais. Já em 2003, Danielle Hervieu-Léger escrevia, em contexto francês: «A Igreja cessou de constituir a referência implícita e a matriz de uma paisagem global»⁸. Assim, o coletivo, a vida em comum e em comunidade não possui fascínio nem marcas institucionais que a tornam apeteável. As instituições do cristianismo vão-se esvaziando, também entre nós: as igrejas, as paróquias, os seminários, os sacramentos, os rituais...

Houve mais. Assistiu-se, situação que ainda hoje se desenvolve, a uma fuga do *dado cristão* como tal, o que tornou a travessia mais espessa e difícil. A necessidade espiritual deslocou-se dos templos e da pregação para sistemas culturais seculares, para o ginásio, para o gabinete de assistência às vítimas, para os debates dos *Media*. É certo que isto indica um novo terreno de reconstrução, mas a instituição parece denotar um vazio e ficou amedrontada, como se tudo

⁴ Cf. A. FOSSION, «Évangéliser de manière évangélique», in *Passeurs d'Évangile*, Bruxelas/MontRéal, Lumen vitae/Novalis, 57.

⁵ Cf. *Ibidem*, 58.

⁶ Cf. *Ibidem*.

⁷ Cf. *Ibidem*.

⁸ Cf. *Ibidem*, 59.

lhe fugisse das mãos e já não conseguisse ser sinal do Invisível que persiste. Adivinham-se *novos lugares* onde Deus dorme na embarcação fustigada pelas vagas. A travessia merece cuidados.

Creio não estar à prova a questão da doutrina nem muito menos o dom de Deus, que continua a ser procurado. Está à prova, no que considero a 3ª vaga de secularização, um estilo novo, uma capacidade de leitura atual, um exercício exímio de reconstrução da gramática pastoral. Quando digo 3ª vaga de secularização, refiro-me ao esvaziamento interno das instituições religiosas e à migração do seu discurso para o campo secular da construção social. Assim, ser cristão na travessia não implica pertenças estáticas, mas dinamismos. Mais do que de rituais assinados e selados pela autoridade, os itinerários constituem biografias crentes, compostas de muitos elementos sem organização catequética e sem manuais, mas descobertos e validados pela própria experiência crente de alguém que se prontifica a não sair daquela barca. A auto-validação é muitas vezes mútua validação⁹.

2. Escolhas de uma tarefa comum

Depois da secularização institucional (1ª), assistiu-se à secularização privada (2ª), para se entrar na negociação de outras instâncias de sentido, de promessa e de navegação de tipo mutualista (3ª vaga) que obriga a nova construção da gramática pastoral. Descubramos algumas das suas novas regras, não para discursar sobre o adquirido, mas para tornar possíveis hoje biografias crentes, de raiz comunitária, descobrindo os sítios onde a proposta pode ser feita, porque em terreno propício de receção. Que importa pregar sem ter ouvintes?

Em 26 de Dezembro de 1999, o ciclone «Lothar» arrasou a Europa, sobretudo a leste de França, com ventos superiores a 150 km/hora. O espetáculo era de desolação: mais de 300 milhões de árvores arrasados. Logo a seguir, os engenheiros iniciaram uma fase de reflorestação, mas, como se dizia, «uma catedral abatida não é grave, pois pode reconstruir-se, mas o carvalho centenário de 300 ou 400 anos não se pode reconstruir»¹⁰. Depois de reflexão aprofundada, os engenheiros passaram a uma nova teoria: não basta remediar a catástrofe com a reflorestação, mas importa passar a uma política de acompanhamento natural da floresta, discernindo as possibilidades novas. É preciso acompanhar

⁹ Cf. D. HERVIEU-LÉGER – *O Peregrino e o Convertido*, Lisboa, Gradiva, 2005, 179.

¹⁰ Cf. A. FOSSION, « Évangéliser de manière évangélique », in *Ph. BACQ/Ch. THEOBALD – Passeurs d'Évangile, Lumen vitae/Novalis*, Ottawa, 2008, 60.

de maneira ativa e vigilante o processo de «regeneração natural»: «muitas espécies de árvores novas rebentaram, o que os obrigou a dar-lhes espaços convenientes, a acompanhá-las e a acolher a vida natural que vinha de todos os quadrantes: três anos mais tarde, outras plantas e outros animais habitavam a antiga floresta»¹¹.

1 – *Cultivar a novidade*

A primeira escolha ou opção para uma gramática pastoral renovada surge desta parábola da floresta. Mais do que reproduzir o que já se conhece e aquilo de que todos se cansaram, é necessário estar aberto e vigilante em relação ao que surge de novo, no interior da travessia. Velar pela novidade: isto é fazer pastoral, no terreno prático onde a travessia se efetua.

A família pode servir de exemplo: longe das lamentações à fuga do modelo tradicional de casamento católico, seja a comunidade atrativa no acolhimento dos novos filhos em situações diversificadas, de modo a acompanhar o destino das crianças e de seus pais, estes novos rebentos que, talvez não sejam fiéis ao catecismo, mas apenas venham a ser maduros no fim de um processo longo, depois da travessia.

A regra é a do acompanhamento de uma gestão espiritual que implica cuidado e muito serviço desinteressado: dar espaço a quem nasce e velar pelo crescimento harmónico, longe do querer impor uma sociedade como ponto de partida, apresentando-a como berço de quem nasce, tornando-a possível; fazer a travessia com um modelo novo onde todos adquirem um lugar, renunciando a quaisquer manobra de hegemonia, de poder. Propor um espaço possível a quem deseja a vida, facilitando o seu crescimento e cultivando a hospitalidade, o acolhimento.

Uma tal opção implica estar atento aos rebentos novos e oferecer um espaço benéfico para quem passa, sem proselitismo e despidos de manobras de quem quer mandar; ser sereno na entrega de uma hipótese de sobrevivência no espaço que é de todos, ser fiel na oferta despreziosa do que é gratuito, benéfico, modesto e salutar.

2 – *Optar pela iniciação*

Joga-se mais uma atitude de iniciação do que uma antiga catequese de transmissão. O ambiente não comporta mais os elementos essenciais de

¹¹ Cf. *Ibidem*, 60-61.

transmissão, apenas os evoca de forma muito fragmentária. O que nasce para a comunidade necessita de um estágio ou experiência mistagógica, que o leve a descobrir a beleza dos mistérios em que lhe é proposto viver. A comunidade é muito reduzida e saberá criar ambientes de descoberta de si, incentivando a afrontamentos sucessivos com uma nova realidade promotora de felicidade e eivada de novos desafios. No afrontamento, cada um aprenderá por si e saberá responder na liberdade a quanto o faz ir mais além. A experiência é de iniciação no mistério de quem é instigado a ir mais longe. Trata-se mais de descobrir o que pode levar por diante do que cumprir determinados preceitos que só o tempo ensinará a viver.

Sem dúvida que não se trata de irradiar a transmissão. Toda a iniciação comporta em si algo de transmissão. A carga, porém, é do foro individual e pressupõe um investimento mais profundo de índole individual para o acesso a um estatuto maior na comunidade. O ambiente contemporâneo é de maior carga no processo de descoberta dos elementos que ajudam a compor um itinerário de identidade do que a dádiva de uma identidade já conseguida. A prossecução é mais agonística e implica mais energias pessoais.

Este itinerário é de robustecimento de cada um, em face de obstáculos a transpor. Está na linha da mira *a vida* com mais têmpero. Pretende-se uma vida cada vez mais em superabundância, coisa que o evangelho postula. Vai-se no encaço dos contemporaneos para quem a vida abundante está na mira.

Uma ação pastoral de gestação tem com efeito a mira da vida dado por todos em benefício de todos. Assim se desenvolve uma ação solidária que parte das ânsias dos nossos conterrâneos. Suscitar a vida implica resistir juntos a tudo o que degrada o homem. Eis o caminho inscrito no nosso itinerário hodierno. Isto pressupõe a tarefa de se deixar tocar por tudo o que menospreze o fundamental de cada homem concreto, mesmo aquele que experimenta o limiar da sua humanidade.

Uma tal atitude pastoral, começa também e sobretudo por reconhecer o que é mais elementar na espécie humana. Leva por diante o objetivo de estabelecer o equilíbrio entre o que é mais humano na humanidade, isto é, *a diferença do gênero*, sendo que outra diferença não aparece com mais acuidade senão a do masculino e feminino primordial. Importa partir daqui para fazer crescer cada gênero na sua irredutibilidade original. Isto acarreta um equilíbrio pensado e levado ao extremo entre os seres, suscitando uma grande qualidade de relações sempre procuradas como simétricas. Entre homens e mulheres preexiste esta diferença que é motivo para tratar cada um segundo a sua atual circunstância, não permitindo discriminações que a degradem. Precisa-se de reconhecer o carisma de cada ser e dele ser mensageiro alegre na dádiva de mais vida que

se potencia. Use-se como ocasião de alegria e de ação de graças e não como acusação doentia de desculpas.

Suscita-se uma encruzilhada de *mútuas relações* onde cada um seja tido em igual consideração na diferença que o institui. Os carismas, que cada um desenvolve, conseguem direito de conjugação em parceiros da mesma barca cultural, no intuito de desmitificar hegemonias reinantes em círculos viciados de gestação. Promove-se assim um circuito mais humano de relações no qual cada um vale pelo que é e não apenas pelo que tem permitido. Cada ser vale na sua genuinidade. O meio não se avara xenófobo em nenhum aspeto, mas deseja ser espaço de convivência fraterna de princípio. A xenofobia aparece como legado de um passado que ainda marca o espaço vital, mas que tende a ser irradiado dele.

Não se deve partir para uma ação concertada de forma míope, como se vivessemos num paraíso sem falsas quedas. Vivemos mergulhados num mundo marcado por sucessivas ruturas que deixaram pragas nas estruturas sociais e pessoais. É preciso olhar com valentia de profeta para tal circunstância de ação e ser lógico na demanda de melhores condições de humanidade. Em benefício da vida, perdem-se muitos combates, mas o evangelho dá um trunfo novo de vitória e nunca deixa no chão aquele que nele possa beber a seiva que o faz viver. Precisamos de construir *uma nova humanidade* nos escombros de uma sociedade que pretende sair da morte. Como no nascimento, precisamos de ser comunidade de novo advento e acerdemos juntos a uma nova forma de ser mais humanidade, para que o bem campeie e para que a felicidade seja festejada em todos e não só em alguns. Para tal é por mais evidente que precisamos do discernimento dos grandes profetas. Cada um tem de ler o seu quadro de vida em diferentes níveis ou planos, que lhe permitam mais avontade. Necessita cada um de reinventar as regras de uma arte que lhe permita conviver com os que lhe são mais próximos.

O discernimento possui uma estrutura triangulair de referência quase mágica na consecução de uma tal empreitada: está cada um, a sua capacidade de diálogo e o outro com quem pode dialogar. Está nas mãos de cada um potenciar a capacidade de diálogo para ser mais. A vida com qualidade acena no horizonte de cada ação pensada. A gestação do cristão supõe um trabalho delicado de acompanhamento, mútuo e fraterno não se considerando chegados a um porto, mas em caminhada acompanhada, para que cada um seja sempre mais. Há outros companheiros no caminho e a atenção é de mútua e benéfica vigilância. Vigia-se mutuamente para se estar preparado para qualquer ataque. Enquanto houver vigilantes, há caminho a percorrer.

3 – Saber-se nómada

A terceira opção implica muito trabalho e desprendimento, sem atitudes de censura, mas criando ou sugerindo hipóteses: passar de uma regra sedentária a uma nova regra nómada. A Fossion chama-lhe a regra do «deslocar-se», possível para todos. A Pastoral, desde a consolidação do regime paroquial até agora, tem sido «eclesiocêntrica», dando a este termo o sentido topográfico, e por isso, quieto; os agentes serviam um lugar para o qual todos convergiam e desse lugar a vida brotava para todos os crentes. Esse lugar, um pouco esvaziado hoje, é só daqueles que já estão, mas não dos que andam fora. A comunidade passará a partilhar mecanismos de *nomadização*, ela que estava habituada a esquemas quase intocáveis, onde mandava e podia. Algumas destas comunidades poderão figurar num roteiro museológico num futuro, se não ativarem esquemas de algum nomadismo possível. A travessia implica uma outra regra, a da «nomadização», para usar o neologismo, atravessando as aldeias, indo ao outro lado do lago, avizinhandose dos territórios das decápoles de hoje. O regime sedentário, como lugar pastoral, é próprio do poder, da tentação de o possuir para sempre. O regime nómada é próprio sobretudo da pobreza e do pobre, daquele que confia que encontrará alimento noutra terra, daquele que é seduzido pela promessa de uma outra pátria, daquele que se encontra sempre a caminho. O regime nómada é o dos pastores que procuram bons terrenos, favoráveis; que não deixam os seus rebanhos sozinhos, na sua conquista momentânea de pastagens quase esgotadas.

A nova gramática pastoral passa por aqui: «nós não temos o Cristo conosco como um objecto retido, controlado, objecto que é preciso transmitir a outros que não o têm». Cristo não é um objecto possuído¹². Onde se encontra o ressuscitado? Não está aqui. Precede-vos na Galileia. É lá que o vereis (cf Mc 16,7). Importa, por isso, pôr pés ao caminho, andar sem desfalecer, encontrar os outros nos corredores da civilização, passear na Galileia dos gentios. A terceira escolha pode dizer-se simplesmente como a da importância pastoral de passar da «igreja» à «galileia», sendo esta a terra de passagem e do cruzamento dos povos. Isto não significa o abandono das paróquias, mas a sua renovação, não a perda de um património secular, mas a sua revalorização com a presença dos sensibilizados nos campos, nas empresas, no desemprego, nos bairros pobres, nas situações de alguma anormalidade. É interessante notar que quando lá se chega, Cristo precede, a Sua Palavra só tem necessidade de uma voz. Quando a Igreja for uma realidade nómada, haverá muitas línguas de fogo a limpar os caminhos da travessia, a desempoeirar os lugares atuais onde se vive, labuta e se é feliz.

¹² Cf. A. FOSSION, *Ibidem*, 64.

4 – Arriscar em novos sítios

Uma outra opção gramatical descobre-se na travessia da região da Samaria: Jesus atravessava a cidade de Jericó (cf Lc 19, 1-10). A multidão envolvia-o ao ponto de poder passar encoberto, despercebido, incógnito, Ele que não faz aceção de pessoas (Cf Act 10, 34).

Jesus então escolhe um chefe de cobradores de impostos. Em território suspeito, escolhe a suspeição até ao fim. Sai do caminho seguro, do caminho onde todos O aplaudem e entra na margem, transgride e chama pelo seu nome: «Zaqueu... hoje tenho de ficar em tua casa». Um risco arriscado. Uma «imersão», a casa de um rico, mas sempre *um outro* lugar: do outro lado da censura, oferece a hipótese de respeitabilidade. Zaqueu desce depressa e «acolheu Jesus, cheio de alegria».

É verdade que os caminhos do Evangelho são porventura de alguma suspeição. Mas, só no lugar *do outro*, só na sua casa, o diálogo poderá ser franco, sem subterfúgios, mas na clareza de uma casa, a morada, aberta. Na sua casa, tudo se escancarará. Na sua casa não há máscaras, ou caem as máscaras. É neste *outro* lugar que a salvação acontece, não como imposição mas como abertura hospitalar ao dom de Deus. Trata-se de uma nova opção, antiga como o cristianismo, mas esquecida durante o tempo do verão secular oferecido por Constantino: entregar ao outro a possibilidade de um dom no seu próprio terreno. Não propor *a vinda*, mas *desafiar na ida*. Mais do que Igreja de Constantino, tornar-se-á comunidade de Zaqueu; mais do que esperar quem vem, surpreender aquele que acena à novidade e que deseja.

No fundo, a nova gramática pastoral traduz a lógica da travessia. É no sítio do outro, do desconhecido, na sua casa, no interior das suas inquietações que cada um se pode deixar habitar pela hospitalidade. Deixar de «chamar para nós», «ir ao encontro do outro no seu terreno próprio»¹³. Falar das «coisas do alto» na sua casa. Quantos outros lugares há a descobrir! É preciso enfrentar, sempre que o lugar é suspeito.

5 – Mudar a imagem

A quinta opção gramatical é sobretudo *fotográfica*, como hoje aprez dizer, é jogo com os ícones; é a regra de apresentação de imagens, do rosto. Trata-se de um trabalho de envergadura, já que a desmontagem do

¹³ Cf. *Ibidem*, 65.

anterior é difícil, como nos tempos da primeira travessia para Israel. Trata-se aqui de um trabalho de laboratório. Nas travessias de hoje, muitos se bloqueiam pelas imagens de Deus, que a fé apresenta, já que fazem eco de um certo servilismo que não compõe com o Deus de Jesus. A «serpente» tem a responsabilidade de desfocar, fazendo passar um Deus poderoso, intocável, ciumento do seu carácter absoluto, rotulado de interditos e, por isso, rodeado de escravos.

Ora, a «serpente» é outra coisa quando olhada do lado da liberdade. A desmontagem é muito trabalhosa e precisa de artífices que sujem as mãos em câmara escura, revelando novas imagens para si e para os outros. Passa mais pela prática do que pelo discurso, sem que o possa dispensar; o artista não vai com pressas, mas dedica-se a um trabalho que passa muito pela sua própria experiência; a sua arte é provada no seu *laboratório pessoal*.

No fundo, o interdito não é um limite, nem «um constrangimento», mas «o apelo dirigido à liberdade humana» no intuito de proteger a vida na sua excelsa diversidade. De facto, o homem não é para o sábado, mas o sábado para o homem. Passar a imagem de Deus como fonte de liberdade é um trabalho que envolve gerações. Está em jogo «Deus como Deus» e o homem como ser amado, não desnaturado, como acontecia em repetidas imagens transmitidas. «Requer-se um trabalho paciente de reelaboração das imagens: um Deus que falseia o homem é um falso Deus. É na excelência do homem que a verdade de Deus se manifesta»¹⁴. Esta nova opção relembra a humildade da Incarnação como celebração dos esponsórios da condição divina e da condição do homem¹⁵. Deus não se apresenta como *concorrente* do homem, mas como Aquele que entra em franco diálogo com ele para lhe dar mais vida. A sua delícia é estar e conversar com os filhos dos homens.

6 – Tornar autor

Uma sexta opção gramatical emerge do que vem sendo refletido. Sempre que se dá campo ao homem livre, não se impõe uma autoridade, mas faz-se nascer um cidadão, aquele que colabora na construção da cidade, longe da vida automática dos escravos. Sempre que nasce um cidadão gera-se biodiversidade, enriquece-se a humanidade, acrescenta-se capital humano à cidade. O Credo cristão gera esta nova cidadania. Usar esta gramática significa enriquecer fazendo frutificar a alteridade. Foi esta a prática histórica de Jesus. Foi neste sentido a Sua «entrega» por todos, livremente, na aceitação de uma história

¹⁴ Cf. *Ibidem*, 68.

¹⁵ Cf. Julien RIES, *L'« homo religiosus » et son expérience du sacré*. Paris, Cerf, 216.

concreta vivida «até ao fim como dádiva». Está aqui a verdadeira autoridade, a de «tornar autor» cada homem¹⁶.

Sempre que se assimila o Evangelho, cada um assume a responsabilidade de ser o autor da sua biografia, na humildade de se saber habitante da cidade de todos, por isso co-autor, na construção daquilo que dele depende¹⁷. Assimilar o Evangelho não é sobretudo aprender de cor um catecismo, mas é compreender a responsabilidade de ser com os outros, em todo o tempo, e sobretudo quando as tempestades parecem devastadoras. A modéstia de cada autor leva-o a reconhecer a presença de Jesus ressuscitado, na popa, dormindo na almofada e contemplando na sua dádiva permanente a beleza daquele que, honestamente, tem a ousadia de escrever o seu texto. Ele conhece bem e pratico-o: «autorizar é tornar o outro autor e actor da sua própria existência na fé»¹⁸. Esta opção faz desenvolver a «biodiversidade eclesial», onde todos têm direito a aspirações próprias e à sua singularidade¹⁹.

7 – A interioridade

Tornar-se autor pressupõe desenvolver as suas capacidades, temperar o que se faz com o tesouro interno de cada um; cada um procura-se, no desejo constante de se ultrapassar. Cada um sabe um pouco quem é e não se intimida diante do que poderá ser; responde pela lógica de si, coloca-se face ao seu próprio capital encerrado na sua própria vida, conhece-se a si mesmo honestamente e não atribui mais importância a isto; vive sem rodeios a sua própria identidade e busca saber bem até onde pode ir sem desfalecer; é preciso que viva intensamente a sua *ipseidade*, sem miopias e sem arrogâncias; conhecer-se exige algum grau de estima para consigo mesmo, não desbaratando o que possui e a que acedeu com trabalho.

O tesouro está dentro, na sua alma, escondido nos escarninhos da sua real trajetória: não o mendiga a ninguém, mas revela-o como o girassol que se abre à sua fonte solar; conhecer-se e respeitar-se enquanto tal está nos segredos da sua labuta diária. Não age por vanglória, mas o seu segredo vem-lhe de dentro, onde se encontra consigo. Na travessia que faz não dá lições a ninguém, mas apenas se mostra enquanto atravessa; vive de interioridade e dá sinais eminentes de quem habita na mesma terra, mas tem sinais de outro espaço.

¹⁶ Cf. A. FOSSION, « Évangéliser de manière évangélique », in *Passeurs d'Évangile*, *ibid.*, 69.

¹⁷ Cf. *Ibidem*.

¹⁸ Cf. *Ibidem*, 71.

¹⁹ Cf. *Ibidem*, 70.

Assim a leitura que faz do quadro que o envolve não é apenas exterior, mas bem argumentada com tudo aquilo que o faz ser. A realidade que o alerta não se compõe apenas de elementos exógenos que alguém impingiu de forma inadvertida, mas é selada com a sua própria interioridade: a fotografia que recebe coincide com réplica que lhe vem do seu próprio mister de artista; não atravessa somente porque lhe dizem que deve atravessar, mas ciente da sua própria ciência; nem por isso é orgulhoso. Sabe estar na vida por si mesmo.

Vive a sua interioridade; mantêm-se em contacto com o divino, qualquer que seja a sua experiência; não vive alienado. A sua espiritualidade manifesta a sua interioridade. Quem atravessa sabe que homem está na mesma barca; faz as suas opções, implica-se na travessia e vai à procura do Infinito que sempre perseguiu. Não se cansa com a tempestade, nem se deixa vencer pelo medo dos outros; para a frente é que é caminho e na aventura de ir, descobre sempre que pode ir mais além; em cada conquista revê a sua interioridade. Sem viver por procuração, dá a mão a quem afeioa a vela ao vento e escuta o conselho de quem segue com ele. O trabalho que executa tem a assinatura de co-autores.

8 – *Diálogo de saberes*

Conhece-lhes o nome e gosta de lhes ouvir o assobio ao vento. Dialoga de forma simples e deixa transparecer em tudo uma palavra certa; sabe que é companheiro e não desdenha de nenhum; os mais próximos vão na mesma barca e depende dos saberes de todos o facto de atracar no porto desejado; expõe-se sem subterfúgios, fala sem intenções falseadas, pois sabe quanto custa uma tempestade que pode ser fatal.

Vive na eminência da precariedade e não faz peito forte ao mar embravecido. Sabe compor com o mar a sua teimosia; sabe dar a parte mais forte a quem a tem. A praça onde vive é sobretudo ágora, espaço de conversa, lugar de diálogo, sem se perder em cavaqueiras inoportunas. Sabe-se em pastoral que cumpre uma missão vital e por isso converte-se sem cessar á *reciprocidade*²⁰: ali, procura com os outros o sentido da sua vida. Habitou-se a falar com todos e não se zanga para impor a sua razão; deixa sair a sua voz de forma serena, sem acordar o mar bravo; é compreensivo para com o saber de todos e abre benevolmente o seu coração; não faz ferver os nervos nem apressar o movimento interior, mas é afável porque tudo faz parte do seu contexto de que precisa e vive.

²⁰ Cf. Bernard MALVAUX – « L'accès aux sàvremens... » in *Une nouvelle chance pour l'évangile*, ed. de l'Atelier, Paris, 2008, 124.

9 – A gratuidade

É gratuito como sente a gratuidade em tudo que recebe; não regateia, mas oferece com brandura tudo o que acredita. Semeia a semente que gratuitamente lhe foi doada e não se molesta com as coisas que podem vir a seguir; espera por todos, na certeza da fecundidade da terra dos seus contemporâneos; quem faz germinar escondeu-se na pequena semente que ali deitara. Segue com atenção o depois da semente, mas deixa a liberdade fecunda que fará brotar o trigo; ajuda a regar a sementeira, mas nunca arranca nem tem juízos de valor; segue despreocupado a sua lide como semeador, na madrugada da sua vida feliz; brinca com os colegas para amenizar o tempo da espera; deram-lhe tudo gratuitamente e tudo doa agora de forma gratuita.

Adivinha o mais dificultoso, pois o ambiente é de comércio a todos os níveis; tem de ser forte para não se deixar arrastar pelo vento que o fustiga. Pensa que a razão está do seu lado, pois o torna sensato, mas não descamba sempre que os outros vociferam a última palavra; só escuta o que lhe pode trazer a serenidade e vai deixando razões a quem anda preocupado. Como antes de se aventurar no mar, sabe que o peixe é gratuito, assim pensa o mesmo quando propõe o evangelho aos demais: nunca se impõe, já que é boa e feliz a novidade que anuncia.

10 – Despertar

O despertador está em pausa de campainha, mas prossegue a sua missão todas as manhãs; não é preciso tanto despertar para a boa notícia que temos de anunciar, mas sobretudo ligar o despertador para a boa notícia do mundo; o semeador *escuta* mais e *reconhece* o que está no campo onde vai deitar o grão; «escutar a boa notícia que é transportada pelo mundo hoje (...) Reconhecer os sinais de vida, as promessas da vida, no mundo onde muitas vezes não vemos senão morte»²¹; no fundo, mudar o olhar para ver o que pode surgir de novo e avançar perdido o medo do mundo, acordados para o positivo inscrito nas suas manhãs mais fatídicas; não preciso de vestir sempre a mesma roupa para olhar o beleza do mundo, mas necessita de acordar para as suas novas manhãs que o meu negativo se habituou a etiquetar de nefasto e que agora surgem novas e belas, desde que eu mudei de roupa. Despertar não se requer apenas para dizer o que sempre repeti, mas impõe-se para ouvir o que nunca pensei; despertar é estar aberto à novidade que a cada instante pode surgir como surpresa; a boa nova não necessita sempre de ser emitida pela minha boca, mas requer

²¹ Cf. Elena LASIDA, in *Faut-il avoir Peur ?*, Paris, Presses Renaissance, 2011, 252.

muitas vezes os meus olhos e ouvidos. A mensagem do Evangelho não precisa sempre de transmissão, mas é alvo de receção: «é preciso despertar para o que necessitam de dizer-nos as pessoas que estão fora da Igreja, e que nos revelam de uma maneira diferente o Deus no qual acreditamos (...) Creio que o mundo não cristão tem qualquer coisa de novo a revelar-nos do nosso Deus»²².

Despertamos muito para falar de Deus ao mundo, o que é necessário; precisamos da opção diferente de saber ouvir a boa notícia de Deus que vem por canais inabituais; despertar para o inusitado do Deus desconfortante e desafiante. Nem por isso deixa de o ser. Mais do que falar de Deus ao mundo, escutemos o mundo falar de Deus, nas aventuras que são as suas. A travessia faz-se sem medo, pois Ele dorme na barca que é levada pelo vento.

A nossa força é Cristo crucificado e ressuscitado, desde a sua pequenez no presépio até à cruz da entrega. O que dissermos será inacabado e sempre vulnerável²³.

Uma nota final de ao pé da porta, no hoje da Igreja que se retempera para a missão: Sabe o leitor que «a travessia» é também uma oratória do saudoso maestro Joaquim Santos, sacerdote ilustre da Arquidiocese de Braga, sob um poema de D. Joaquim Gonçalves, Bispo emérito de Vila Real. Trata-se de uma obra que faz a hermenêutica da travessia do Povo de Deus, o êxodo, na epopeia dos portugueses à procura de melhor vida, nos anos depois da segunda guerra mundial. Uma forma de dizer a travessia salvífica de um povo, sobretudo o do norte transmontano.

Apontando algumas opções possíveis para uma gramática pastoral em tempos de passagem a um novo panorama social, aqui fica a minha homenagem a um sacerdote académico que foi chamado a exercer outra «diaconia», agora pastoreando em equipa uma nova comunidade diocesana nesta travessia insidiosa do século XXI. Outras responsabilidades numa mesma barca, a de Cristo que continua na proa. Excelente ministério.

Saibamos nós escrever as regras da gramática pastoral no quotidiano, hoje, não para «ampliar o poder ou reforçar o domínio da Igreja, mas para levar junto de todos uma figura que provoca transformação, Cristo, salvação do mundo», como o escreve Bento XVI. A missão tem os seus momentos amargos e responsabilmente acordaremos Quem vai na proa atento às ocasiões menos vantajosas; o tempo é de sadio discernimento.

²² *Ibidem.*

²³ Cf. J. CLAUDE BARREAU – *Tous les dieux ne sont pas égaux*, Paris, Jclates, 142 e 149-151.

Sugestão bibliográfica

- ARÈNES, Jacques; CHÂTELET, Noelle, *Faut-il avoir peur ?*, Paris, Presses de la Renaissance, 2011.
- ATTALI, Jacques, *L'homme nomade*, Paris, Fayard, 2003.
- BACQ, Philippe; THEOBALD, Christoph (coord.), *Passeurs d'Évangile*, Lumen Vitae / Novalis, Ottawa, 2008.
- BACQ, Philippe; THEOBALD, Christoph, *Une nouvelle chance pour l'Évangile*. Lumen Vitae / Novalis, Bruxelles / Montréal, 2004.
- BARREAU, Jean-Claude, *Tous les dieux ne sont pas égaux*, ed. Jclattès, Paris, 2001.
- BRIGHENTI, Agenor, *a Pastoral dá o que pensar*, S. Paulo, Paulinas, 2006.
- GRIEU, Étienne, *Un lien si fort. Quand l'amour de Dieu se fait « diaconie »*. Paris, ed. de l'Atelier, 2012.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle, *O Peregrino e o Convertido*, Lisboa, Gradiva, 2005.
- RIES, Julien, *L'« homo religiosus » et son expérience du sacré*, Paris, Cerf, 2009.